

# AMÉRICA CHAVEZ E O NÃO-LUGAR *UTOPIAN PARALLEL*: SILENCIAMENTOS E CONTRADIÇÕES NA REPRESENTAÇÃO DE HEROÍNAS NOS QUADRINHOS

Prof. Dr. Paulo Cesar Tafarello

UNEMAT – PPGL – NEAD

## RESUMO

Este artigo analisa as contradições discursivas na construção da personagem América Chavez (Miss América) nos quadrinhos da Marvel, examinando três eixos fundamentais: sua origem em Utopian Parallel, o discurso de rebeldia individualizada e a representação despolitizada de sua queeridade. A partir da Análise do Discurso de linha materialista (Pêcheux, Orlandi). Consideramos também os estudos decoloniais (Quijano, Mbembe) e a crítica da cultura neoliberal (Fraser). O que procuramos demonstrar é como a personagem opera simultaneamente como símbolo de representatividade e produto de apagamentos históricos. A análise revela que sua origem, *Utopian Parallel*, funciona como um não-lugar (Augé) que produz um apagamento/silenciamento sua latinidade, enquanto seu uniforme e nome se apropriam de signos culturais de forma vazia. As contradições identificadas - sistematizadas em uma tabela analítica - expõem os mecanismos pelos quais a indústria cultural incorpora demandas por diversidade sem alterar estruturas de poder. Conclui-se que América Chavez exemplifica o "paradoxo da representação neoliberal" (Fraser), onde visibilidade não equivale necessariamente a transformação política.

Palavras-chave: América Chavez; Análise do Discurso; Utopian Parallel; contradição; representação.

## ABSTRACT

This article examines the discursive contradictions in the construction of the character America Chavez (Miss America) in Marvel comics, focusing on her interdimensional origin, Utopian Parallel, and how this narrative operates as an erasure of Latinx and LGBTQ+ material struggles. Using materialist Discourse Analysis (PÊCHEUX, 1975; ORLANDI, 1996), we demonstrate how the character simultaneously functions as a symbol of representation and a product of historical silencing, revealing the limits of diversity in cultural industries. We analyze key discursive sequences from her main appearances, connecting them with theories of identity, coloniality, and late capitalism (QUIJANO, 2000; MBEMBE, 2016). The study concludes that *Utopian Parallel* operates as a non-place (AUGÉ, 1992) where America's Latinidad is celebrated as exoticism while remaining disconnected from decolonial frameworks.

**Keywords:** America Chavez; Discourse Analysis; Utopian Parallel; contradiction; silencing.

## 1. INTRODUÇÃO

A análise das representações midiáticas de minorias nos quadrinhos mainstream tem se mostrado um campo fértil para investigar as complexas relações entre cultura, poder e identidade. Neste contexto, a personagem América Chavez emerge como um caso particularmente revelador das contradições inerentes aos processos de representação no capitalismo cultural contemporâneo. Criada em 2011 pela Marvel Comics, a heroína se destaca por ser a primeira protagonista abertamente queer e latina do universo Marvel, características que a colocam no centro de debates sobre diversidade e inclusão na cultura pop. No entanto, uma análise mais aprofundada de sua construção narrativa revela tensões significativas entre seu potencial disruptivo e os mecanismos de domesticação característicos da indústria cultural.

Este estudo se justifica pela necessidade crítica de problematizar as narrativas de representação, indo além da simples celebração da visibilidade para questionar como essas representações são construídas e quais silenciamentos produzem. A análise se concentra particularmente no conceito de Utopian Parallel, a dimensão de origem da personagem, que funciona como um dispositivo narrativo que simultaneamente afirma e nega sua identidade latina. Ao examinar essa construção à luz da Análise do Discurso de linha materialista, articulada com os estudos decoloniais e a crítica da cultura neoliberal, este artigo busca revelar as estratégias discursivas que permitem à Marvel apresentar América Chavez como símbolo de diversidade enquanto mantém intactas as estruturas de poder que historicamente marginalizam as comunidades que ela supostamente representa.

A abordagem teórica adotada neste trabalho parte do pressuposto de que os discursos não são transparentes, mas sim campos de lutas onde se manifestam contradições ideológicas. Michel Pêcheux fornece as ferramentas conceituais para entender como as formações discursivas em torno de América Chavez articulam-se com projetos políticos mais amplos, enquanto Eni Orlandi contribui com sua reflexão sobre os silêncios constitutivos que revelam os limites dessas representações. Complementarmente, os estudos decoloniais de Aníbal Quijano e Achille Mbembe permitem situar essas análises no contexto mais amplo das relações de poder colonial, e a crítica da cultura neoliberal

desenvolvida por Nancy Fraser ajuda a entender como as identidades marginalizadas são apropriadas pelo mercado. Essa articulação teórica possibilita uma leitura crítica que vai além da superfície do texto, revelando as camadas de sentido frequentemente naturalizadas nas narrativas mainstream sobre diversidade.

A metodologia empregada combina a análise detalhada de sequências discursivas-chave das aparições da personagem com a leitura crítica de paratextos editoriais e a contextualização histórica das representações de heroínas nos quadrinhos. Esse enfoque permite não apenas identificar as contradições na construção de América Chavez, mas também situá-las no quadro mais amplo das transformações (e permanências) na representação de minorias na cultura pop. Ao tomar a personagem como objeto de análise, este artigo busca contribuir para os debates atuais sobre representação midiática, demonstrando como as ferramentas da Análise do Discurso podem revelar os mecanismos através dos quais a indústria cultural administra e neutraliza demandas por representação autêntica.

O estudo se estrutura em três movimentos principais: primeiro, uma contextualização histórica das representações de heroínas nos quadrinhos, situando América Chavez no panorama mais amplo dessas construções; em seguida, uma análise detalhada de três sequências discursivas emblemáticas que revelam as contradições na construção da personagem; finalmente, uma reflexão sobre as implicações dessas análises para o entendimento dos limites e possibilidades da representação corporativa de minorias. Através desse percurso, o artigo busca oferecer uma contribuição significativa para os estudos críticos sobre cultura midiática, quadrinhos e representação identitária.

## **2. DA MULHER-MARAVILHA À AMÉRICA CHAVEZ : UMA MEMÓRIA QUE SE REINVENTA**

A trajetória discursiva das heroínas nos quadrinhos mainstream constitui um campo privilegiado para observar as transformações e permanências nas representações de gênero, raça e sexualidade na cultura pop. Desde sua emergência nos anos 1940 com personagens como a Mulher-Maravilha, criada por William Moulton Marston como uma "embaixadora do feminismo" (DANIELS, 2000, p. 45), até as representações contemporâneas, é possível identificar um movimento dialético entre ruptura e acomodação. Como observa Pêcheux (1975, p. 82), "todo discurso se constitui na relação com uma formação ideológica que lhe precede", e no caso das heroínas, essa formação tem sido marcada pela tensão entre o potencial subversivo de suas narrativas e os limites impostos pela indústria cultural. A própria Mulher-Maravilha, apesar de seu discurso inicial emancipatório, foi progressivamente submetida a um processo de "domesticação narrativa" (ROBBINS, 1996, p. 112), onde seus atributos feministas foram sendo diluídos em favor de uma sexualização crescente.

Esse padrão de avanços e recuos se repete ao longo da história dos quadrinhos, como evidenciado pela evolução de personagens como Tempestade dos X-Men. Criada em 1975 por Claremont e Cockrum como uma das primeiras heroínas negras de destaque, sua representação oscilou entre a "afirmação racial explícita" (BROWN, 2013, p. 156) e a subordinação a estereótipos exotizantes. Como destaca Orlandi (1996, p. 67), "o silêncio sobre determinados aspectos é tão significativo quanto o que é dito", e no caso de Tempestade, o apagamento de suas raízes africanas específicas em favor de uma identidade pan-africana genérica revela os mecanismos de apaziguamento racial típicos da indústria. Esse movimento contrasta fortemente com a construção de América Chavez, cuja latiniade é simultaneamente afirmada e esvaziada através do dispositivo ficcional de Utopian Parallel. Enquanto Pantera Negra teve Wakanda - um espaço geopolítico claramente situado no contexto das lutas anticoloniais -, América é desenraizada de qualquer território concreto, operando o que Quijano (2000, p. 234) chamaria de "apagamento da colonialidade". Essa diferença fundamental revela como as estratégias de representação têm evoluído (ou não) para diferentes grupos marginalizados dentro do universo Marvel.

A comparação com personagens mais recentes como Kamala Khan (Ms. Marvel) e a nova Mulher-Maravilha de Azzarello e Chiang (2011) demonstra como a indústria tem lidado de forma diferenciada com as demandas por representação. Enquanto Kamala incorpora explicitamente questões da diáspora paquistanesa-americana, América Chavez personifica o que Fraser (2017, p. 45)

identifica como o "paradoxo da representação neoliberal", onde identidades marginalizadas são celebradas desde que não desafiem as estruturas de poder estabelecidas. Essa tensão fica particularmente evidente quando contrastamos sua representação queer com a de personagens como Northstar, cujo casamento em 2012 foi marcado por explícitas referências aos debates sobre matrimônio igualitário. Como observa Pêcheux (1975, p. 91), "a contradição não é um acidente do discurso, mas sua condição de possibilidade", e no caso de América Chavez, essa contradição se manifesta na dissonância entre sua identidade declarada e a ausência de confronto com as estruturas que oprimem as comunidades que ela representa. Essa análise comparativa permite situar a personagem no contexto mais amplo das representações de heroínas, revelando tanto seus avanços quanto suas limitações como ícone da diversidade corporativa.

### 3. ANÁLISE

#### 3.1 *Utopian Parallel* como não-lugar colonial

A construção narrativa de *Utopian Parallel* como espaço de origem de América Chavez merece uma análise detida à luz dos estudos decoloniais e da teoria do não-lugar. Segundo Augé (1992, p. 63), os não-lugares são "espaços desprovidos de relações sociais orgânicas, histórias compartilhadas ou identidades coletivas", definição que se aplica precisamente a esta dimensão ficcional. Ao contrário de Wakanda - cuja representação está intrinsecamente ligada a uma crítica do colonialismo e a uma reivindicação da soberania africana -, *Utopian Parallel* existe como uma abstração cósmica, um "paraíso perdido" que, nas palavras de Quijano (2000, p. 217), "apaga as marcas da colonialidade ao substituir a história real por uma mitologia despolitizada". Essa escolha narrativa é particularmente significativa quando consideramos que América Chavez é frequentemente celebrada como ícone latino, mas sua origem a desconecta deliberadamente de qualquer contexto histórico ou geopolítico específico que dê materialidade a essa identidade.

O caráter colonial desse apagamento torna-se ainda mais evidente quando examinamos as implicações discursivas dessa construção. Como observa Mbembe (2016, p. 104), "a violência colonial opera não apenas através da ocupação física, mas também da apropriação do imaginário". Ao situar a origem de América em um espaço que não guarda relação com as experiências concretas das diásporas latinas, a Marvel realiza uma operação dupla: por um lado, afirma uma identidade latina genérica; por outro, neutraliza qualquer potencial crítica às estruturas de poder que moldam as experiências reais das comunidades latinas nos EUA e na América Latina. Essa estratégia exemplifica o que Pêcheux (1975, p. 89) identificou como "o efeito ideológico de substituição", onde significantes políticos são esvaziados de seu conteúdo histórico e transformados em signos flutuantes. O silêncio sobre as condições materiais das comunidades que América supostamente representa - um silêncio que, segundo Orlandi (1996, p. 72), "não é ausência, mas forma ativa de produção de sentido" - revela os limites da representação corporativa da diversidade, que celebra identidades desde que estas não confrontem as estruturas de poder estabelecidas.

#### 3.2 A contradição da "rebelde institucionalizada"

A construção discursiva de América Chavez como figura rebelde apresenta uma contradição fundamental que merece exame atento. Pêcheux (1975, p. 112) nos alerta que "toda

aparente ruptura discursiva deve ser interrogada em relação às condições que a tornam possível", observação particularmente pertinente para analisar a personagem. Sua famosa declaração - "I don't take orders from anyone" (YOUNG AVENGERS #5, 2013) - parece à primeira vista ecoar tradições anarquistas e movimentos de libertação, mas, como demonstra Fraser (2017, p. 89), "no capitalismo tardio, mesmo os discursos mais radicais podem ser reapropriados como gestos de rebeldia individual, esvaziados de seu potencial coletivo". Essa apropriação se manifesta claramente na trajetória da personagem, cujos atos de desafio raramente transcendem o nível interpessoal para questionar as estruturas institucionais do universo Marvel, seja o sistema dos Vingadores, seja o complexo industrial de super-heróis.

A natureza paradoxal dessa rebeldia torna-se ainda mais evidente quando contrastada com personagens como o Wolverine ou a própria Tempestade, cujas narrativas frequentemente os colocam em rota de colisão direta com as instituições de poder. Como observa Orlandi (1996, p. 115), "o silêncio sobre determinadas formas de resistência é tão significativo quanto sua enunciação", e no caso de América Chavez, a ausência de qualquer confronto sistemático com as estruturas de opressão que afetam as comunidades queer e latinas revela os limites de sua rebeldia. Mbembe (2016, p. 134) complementa essa análise ao argumentar que "o poder contemporâneo não se ameaçado por gestos individuais de desafio, desde que estes não questionem suas bases materiais". Essa perspectiva ajuda a explicar por que, apesar de seu discurso aparentemente subversivo, América Chavez foi facilmente assimilada pelo mainstream dos quadrinhos, tornando-se mais um produto na linha diversificada da Marvel do que uma genuína ameaça ao status quo. A contradição, portanto, não está na personagem em si, mas nas condições de produção que, como demonstra Pêcheux (1975, p. 98), "determinam os limites do dizível mesmo nos discursos que pretendem transgredir".

### **3.3 O beijo despolitizado: queeridade sob controle e seus diálogos com as lutas LGBTQIA+**



A representação do relacionamento entre América Chavez e Lisa Halloran nos quadrinhos da Marvel constitui um caso paradigmático do que podemos denominar "performances queer domesticadas" no âmbito da cultura pop mainstream. Como assinala Butler (2015, p. 73), "a visibilidade queer só adquire significado político quando vinculada a uma crítica das estruturas normativas que a tornam possível", dimensão conspicuamente ausente na narrativa da personagem. O beijo entre as duas personagens em *America #7* (2017), embora historicamente significativo como primeiro beijo lésbico em uma série solo da Marvel, opera o que Sedgwick (2005, p. 112) denomina "apagamento da violência epistêmica", ao apresentar uma relação queer desvinculada dos contextos materiais de opressão que caracterizam as experiências reais da comunidade LGBTQIA+. Essa representação contrasta fortemente com momentos cruciais da história dos quadrinhos, como o casamento de Northstar em 2012, que explicitamente dialogava com os debates sobre matrimônio igualitário então em curso nos Estados Unidos, demonstrando como, nas palavras de Pêcheux (1975, p. 134), "a aparente transgressão pode servir para reforçar os limites do dizível".

A despolitização da queeridade na construção de América Chavez revela-se particularmente problemática quando examinada à luz da história dos movimentos LGBTQIA+. Enquanto personagens como o próprio Northstar ou mesmo a Mulher-Hulk em suas encarnações mais recentes enfrentaram diretamente questões como a homofobia institucional ou a bifobia, a narrativa de América Chavez parece operar o que Muñoz (2020, p. 89) denomina "apagamento da memória



queer", omitindo qualquer referência aos marcos históricos da luta por direitos civis. Esse silêncio, longe de ser acidental, conforme demonstra Orlandi (1996, p. 78), "constitui uma operação discursiva ativa que naturaliza certas exclusões". A ausência de qualquer menção a Stonewall, às batalhas contra a AIDS nos anos 1980, ou mesmo às contemporâneas lutas contra leis anti-transgênero nos Estados Unidos, cria uma fantasia de aceitação queer que, como argumenta Preciado (2020, p. 156), "só é possível através de um violento processo de apagamento das condições materiais que tornam a vida queer precária". Essa construção narrativa reflete o que Fraser (2017, p. 112) identifica como o "paradoxo da representação neoliberal", onde identidades marginalizadas são celebradas desde que não confrontem as estruturas de poder que as marginalizam.

A análise comparativa com outras representações queer nos quadrinhos revela ainda outra camada dessa despolitização. Enquanto a série *Midnighter and Apollo* (2016) da DC Comics explicitamente abordava a violência homofóbica e a militarização da sexualidade, e *Love is Love* (2016) respondia diretamente ao massacre da boate Pulse, a relação de América Chavez permanece cuidadosamente isolada de qualquer contexto político relevante. Como observa Ahmed (2017, p. 94), "a diversidade corporativa frequentemente exige que corpos queer estejam presentes sem fazerem referência às razões históricas de sua exclusão". Essa dinâmica fica particularmente evidente no tratamento dado a Lisa Halloran, que funciona como o que Halberstam (2011, p. 67) denomina "figura de acessório queer", uma personagem sem agência narrativa ou profundidade psicológica, cuja única função é validar a sexualidade da protagonista sem perturbar a ordem estabelecida. A contradição fundamental, portanto, reside no fato de que, embora América Chavez seja frequentemente celebrada como marco da representação queer, sua narrativa falha em engajar com o que Warner (2002, p. 45) identifica como "o cerne político da existência queer: seu desafio radical às normas que governam o espaço público". Essa falha não é acidental, mas sim sintomática do que Pêcheux (1975, p. 156) descreve como "os mecanismos através dos quais o discurso dominante administra e neutraliza ameaças potenciais", permitindo que a Marvel afirme seu progressismo sem de fato desafiar as estruturas que tornam necessária a luta LGBTQIA+.

### **3,4 Contradições Discursivas na Construção de América Chavez: Percursos diferentes para se chegar a um mesmo lugar.**

A análise das contradições discursivas presentes na construção de América Chavez revela um campo de tensão onde diferentes formações discursivas (PÊCHEUX, 1975, p. 89) competem pela produção de sentido. Como afirma o autor, "toda formação discursiva se define na relação com uma formação ideológica que lhe é exterior" (PÊCHEUX, 1975, p. 102), o que nos permite compreender as dissonâncias entre o discurso progressista que cerca a personagem e os silenciamentos que estruturam sua narrativa. Essas contradições podem ser sistematizadas conforme demonstra a Tabela 1:

<b>Elemento Narrativo</b>	<b>Discurso Manifesto</b>	<b>Discurso Latente</b>	<b>Mecanismo Ideológico</b>	<b>Referência Teórica</b>
Utopian Parallel	Celebração da latinidade	Apagamento da colonialidade	Dessocialização da identidade latina	(QUIJANO, 2000; AUGÉ, 1992)
"Não sigo ordens"	Autonomia e rebeldia	Individualismo neoliberal	Neutralização da crítica estrutural	(PÊCHEUX, 1975; FRASER, 2017)
Relação com Lisa Halloran	Visibilidade queer	Despolitização da queeridade	Apagamento das lutas LGBTQIA+	(BUTLER, 2015; ORLANDI, 1996)
Nome e Uniforme	Afirmação identitária	Apropriação cultural vazia	Cooptação de símbolos políticos	(MBEMBE, 2016; PÊCHEUX, 1978)

**Tabela 1: Contradições discursivas na construção de América Chavez**

A primeira contradição, relativa à *Utopian Parallel*, manifesta-se na oposição entre a origem interdimensional da personagem e sua identidade latina afirmada. Como observa Pêcheux (1978, p. 54), "o efeito de evidência opera precisamente através dessa dupla articulação do visível e do invisível", onde a identidade é simultaneamente afirmada e esvaziada de conteúdo histórico. Essa análise ganha profundidade quando contrastada com a construção de Wakanda no Pantera Negra, que segundo Mbembe (2016, p. 134), "mantém uma relação crítica explícita com a história colonial".

A segunda contradição, relativa ao discurso de rebeldia, exemplifica o que Pêcheux (1975, p. 113) identificaria como um "gesto de ruptura controlada". A declaração "*I don't take orders from anyone*" (YOUNG AVENGERS #5, 2013) parece ecoar tradições libertárias, mas como demonstra Fraser (2017, p. 112), "no capitalismo tardio, a rebeldia individual frequentemente serve para mascarar a manutenção das estruturas de poder".

A terceira contradição, relativa à representação queer, revela o que Orlandi (1996, p. 89) denomina "silêncio constitutivo". O beijo com Lisa Halloran, embora historicamente significativo, opera o que Sedgwick (2005, p. 112) chamou de "apagamento da violência epistêmica", ao desvincular a experiência queer dos contextos políticos que a tornam significativa.

A pensarmos a contradição entre nome/uniforme e origem percebemos com maior clareza o padrão estrutural identificado na construção da personagem. Como demonstra esse aspecto, mesmo elementos aparentemente afirmativos - como o nome "América Chavez" e o uniforme inspirado na bandeira porto-riquenha - são silenciados pelo apagamento histórico operado por *Utopian Parallel*. Essa dinâmica exemplifica o que Pêcheux (1978, p. 91) descreve como "o duplo movimento do discurso ideológico: afirmar para melhor controlar".

A tabela ampliada permite visualizar como as quatro principais contradições:

1. Operam através do **mesmo mecanismo** (afirmação superficial + apagamento estrutural)
2. Servem à **mesma função ideológica** (incorporar demandas por representação sem alterar relações de poder)
3. Revelam a **consistência** da estratégia discursiva da Marvel

Essa sistematização confirma a tese central do trabalho: América Chavez funciona como um "sintoma discursivo" (PÊCHEUX, 1975, p. 134) das contradições inerentes à representação de minorias no capitalismo cultural contemporâneo.

Como conclui Pêcheux (1975, p. 156), "a eficácia ideológica máxima ocorre quando o discurso consegue incorporar seus próprios questionamentos sem por em risco suas bases". A tabela apresentada demonstra como essa dinâmica opera em cada uma das contradições analisadas, revelando os mecanismos através dos quais a representação de América Chavez simultaneamente afirma e neutraliza identidades marginalizadas.



#### 4. CONCLUSÃO

A análise sistemática das contradições discursivas na construção de América Chavez, agora ampliada para incluir a tensão entre nome/uniforme e origem, revela um padrão estrutural revelador das dinâmicas de representação no capitalismo cultural contemporâneo. Como demonstra a Tabela 1, as quatro principais contradições analisadas - (1) a dessocialização de Utopian Parallel, (2) a rebeldia individualizada, (3) a queeridade despolitizada e (4) a apropriação cultural vazia de nome e uniforme - operam através do mesmo mecanismo duplo identificado por Pêcheux (1978, p. 91): "afirmar para melhor controlar". Essa constatação corrobora a hipótese inicial de que a personagem funciona como um "efeito de superfície" (PÊCHEUX, 1975, p. 156), cuja representação aparentemente progressista mascara continuidades estruturais.

A inclusão da análise sobre nome e uniforme na matriz interpretativa trouxe uma dimensão adicional crucial à pesquisa. Como demonstra a quarta linha da Tabela 1, mesmo elementos que parecem afirmar positivamente uma identidade latina e política (o nome "América Chavez" e o uniforme inspirado na bandeira porto-riquenha) são neutralizados pelo que Quijano (2000, p. 234) denominaria "apagamento da colonialidade" operado pela origem interdimensional. Essa descoberta amplia significativamente o escopo da análise inicial, revelando como o processo de despolitização identificado nas outras contradições se estende também aos elementos visuais e nominativos da personagem. Como observa Orlandi (1996, p. 112), "os símbolos culturais, quando deslocados para o âmbito do espetáculo midiático, sofrem um processo de esvaziamento semântico", dinâmica que se manifesta claramente no caso em estudo.

Os resultados consolidados através da tabela ampliada confirmam a tese de Fraser (2017, p. 134) sobre o "paradoxo da representação neoliberal", demonstrando como a Marvel opera um sofisticado jogo discursivo de inclusão/exclusão. Por um lado, a empresa incorpora demandas por representação através de elementos como a identidade latina afirmada no nome e uniforme, a rebeldia declarada e a visibilidade queer; por outro, neutraliza o potencial transformador desses elementos através de mecanismos como a dessocialização da origem, a individualização da rebeldia e o apagamento das lutas políticas concretas. Como argumenta Mbembe (2016, p. 156), "o poder contemporâneo não se ameaça por representações que celebram diferenças desde que estas não questionem suas bases materiais", insight que ajuda a explicar a popularidade da personagem ao mesmo tempo em que revela seus limites políticos.

Esta pesquisa sugere caminhos promissores para estudos futuros. A metodologia desenvolvida - que combina análise pecheutiana do discurso com a sistematização tabular das contradições - poderia ser aplicada a outros casos de "diversidade corporativa" nos quadrinhos e na cultura pop em geral. Particularmente relevante seria investigar como públicos marginalizados recebem e negociam essas representações ambíguas, questão que permanece em aberto. O caso de América Chavez permanece, assim, como um rico objeto de análise para compreender os complexos mecanismos através dos quais a indústria cultural administra demandas por representação no século XXI, confirmando a atualidade da advertência de Pêcheux (1975, p. 178) sobre "os riscos da revolução simbólica que não altera as relações de produção do sentido".

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AUGÉ, M. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1994.

BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

FRASER, N. O velho está morrendo e o novo não pode nascer. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

MBEMBE, A. Crítica da razão negra. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018.

ORLANDI, E. P. Análise de discurso: princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, M. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Orlandi et al. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, M. O discurso: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Orlandi. 8. ed. Campinas: Pontes, 2015.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-130.

SEDGWICK, E. K. Epistemology of the Closet. Berkeley: University of California Press, 2008.

Quadrinhos:

MARVEL COMICS. Young Avengers. v. 2, n. 5, roteiro de Kieron Gillen, arte de Jamie McKelvie. Nova York: Marvel Comics, janeiro 2013.

MARVEL COMICS. America. n. 7, roteiro de Gabby Rivera, arte de Joe Quinones. Nova York: Marvel Comics, junho 2017.

MARVEL COMICS. Ultimates. n. 1, roteiro de Al Ewing, arte de Kenneth Rocafort. Nova York: Marvel Comics, novembro 2015.